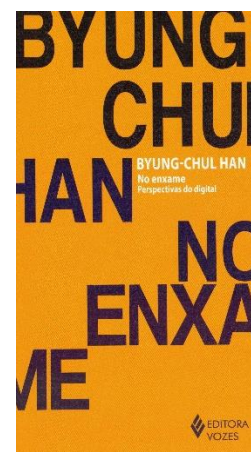


## RESENHA



HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. 149  
Trad. Lucas Machado Petrópolis: Vozes, 2019, 134p.

Paula F. Goulart  
Universidade de Brasília - UNB<sup>1</sup>

Byung-Chul Han nasceu na Coreia do Sul, em 1959. Estudou Filosofia na Universidade de Friburgo, e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, concluiu o doutorado, com uma tese sobre Martin Heidegger, em Friburgo. Lecionou em diversas universidades alemãs. Atualmente, é autor de diversos livros sobre a sociedade contemporânea.

O livro é composto de um prefácio, seguido de dezesseis capítulos: *Sem respeito; Sociedade da indignação; No exame; Desmediatização; O Hans Esperto; Fuga na imagem; Do agir ao passar de dedos; Do camponês ao caçador; Do sujeito ao projeto; Nomos da Terra; Fantasmas Digitais; Cansaço da informação; Crise da representação; De cidadãos a consumidores; Protocolamento total da vida e Psicopolítica*. Os capítulos se relacionam, mas são independentes entre si. Recomendo a leitura do prefácio, que apresenta um diagnóstico social, elaborado pelo autor em face à ampliação do acesso e da criação

<sup>1</sup> E-mail: [paulie.goulart@gmail.com](mailto:paulie.goulart@gmail.com) . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5453-9867>

de um mundo digital. Aliás, o conteúdo do livro não só aprofunda o diagnóstico apresentado, sucintamente, no prefácio, mas também apresenta alguns prognósticos sociais.

Para facilitar a compreensão dos leitores e a organização textual, eu agrupei os capítulos por meio de três grandes eixos temáticos, inter-relacionados: a caracterização da comunicação e da sociedade digitais; a condição humana na perspectiva do digital e, por fim, alguns dos efeitos dessa nova forma de vida.

*Ausência de corporeidade e de taticidade.* A característica mais imediata e proeminente da comunicação digital consiste na perda dos aspectos da corporeidade e da taticidade [Taktilität]. A comunicação verbal é apenas um dos componentes da comunicação humana ao vivo, que pressupõe, também, os elementos não verbais como a gesticulação, as expressões faciais, o tom de voz, as percepções olfativas, a linguagem corporal, dentre outros. Sem dúvida, esse é o preço que se paga pela eficiência e pela comodidade que a comunicação digital promove.

*Totalização do imaginário.* Ante a proeminência, especialmente, do visual nas comunicações digitais, o autor nota a tendência ao descolamento, à desconstrução do real, paralelamente ao movimento de totalização do imaginário. (HAN, 2019, p.45) A comunicação digital fomenta a criação de uma pretensa realidade imaginada, que se contrasta com a realidade efetiva.

*Distanciamento das pessoas.* Para o autor, os dispositivos digitais que têm telas em sua composição, como, por exemplo, os *smartphones*, são verdadeiros espaços de espelhamento narcisístico, lugar propício ao exercício da imaginação. O autor se refere aqui aos processos de filtragem e de recomendação de informação, promovidos por algoritmos capazes de traçar o perfil do usuário da internet, por meio de informações das redes sociais, do histórico de buscas e dos acessos, por exemplo. Disso decorre o fomento de um espaço de positividade e de identidade constantemente reforçado. A alteridade, a negatividade, o confronto com ideias contrastantes, com a diferença e com o inesperado são impossibilitados.

*Perda da mediação ("desmediação"):* aspectos das temporalidades. A temporalidade da comunicação digital é o presente, tendo em vista o fato de que se caracteriza pela produção, envio e recepção de dados e de informações sem mediação. A temporalidade da comunicação digital conforma diversos processos e aspectos da vida humana. O autor elegeu e dissertou sobre alguns deles: a temporalidade do trabalho; a temporalidade da narrativa e da enumeração; a temporalidade da política. Em todas essas dinâmicas temporais, o uso massivo das novas tecnologias instaurou profundas modificações, relacionadas aos conceitos de eficiência, de transparência, de confiança e de responsabilidade.

*A dupla via da comunicação digital.* Além de promover e instaurar a imediatividade e a transparência, a perda da mediação acarretou, também, a possibilidade de todos serem emissores e destinatários. Se as mídias analógicas ("mídias de massa") como o rádio ou a televisão foram caracterizadas pela passividade dos ouvintes ou dos telespectadores, a comunicação digital ("mídias

## RESENHA

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital.*

digitais”) promove a democratização da produção de mensagens. “Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação”. (HAN, 2019, p.36)

*Ausência de respeito.* Em alemão, respeito (*Rücksicht*) pode significar, também, olhar para trás (*Zurückblicken*). Respeitar significa controlarmos o nosso observar (*Hinsehen*), de maneira a não ultrapassar, ou seja, de maneira a mantermos distância da esfera íntima de outrem. Esse distanciamento é pressuposto da separação entre o que se chama de esfera pública e de esfera privada. A sociedade e a comunicação digitais sublimaram tal distância: a dicotomia entre as esferas públicas e privadas se dissolveu e essas esferas se tornaram uma só.

*O surgimento do Shitstorm e do enxame digital.* Para o autor, a comunicação anônima, por vezes, toma a forma de *Shitstorm*. Trata-se de um fenômeno próprio da comunicação digital, que consiste no poder de emitir sons, pretensamente, no poder falar e ser ouvido. Como a comunicação digital é marcada pela imediaticidade, esse poder de emitir sons se torna uma descarga instantânea de afetos. Tal descarga afetiva advém do enxame digital, que consiste no conjunto de indivíduos singularizados e anônimos que reivindicam e exercem o seu poder de fala.

Na era da comunicação e dos meios digitais a atrofia da mão é um efeito da liberação do fardo do trabalho braçal, manual. O autor relaciona a atrofia das mãos à atrofia do pensar, tendo por inspiração o pensamento heideggeriano. A mão, o corpo e o pensamento fariam parte do âmbito da ordem terrena (“*nomos* da Terra”). O autor pensa essa imagem heideggeriana em contraste com o âmbito digital, que tende a substituí-la. Na ordem terrena há a ação. Na digital, a operação. Na ordem terrena há a reflexão. Na digital, o cálculo. Na ordem terrena há a verdade. Na digital, a transparência. Na ordem terrena há o conhecimento. Na digital, há a informação. Na ordem terrena há o narrar. Na digital, o contar.

Atualmente, não há o cultivo da linguagem nem da paciência, nem do pensamento, nem da tolerância em se conviver com a ambiguidade e com o por vir. Não há mais submissão à ordem terrena. Para o autor, não somos mais sujeitos, “mas sim um projeto que projeta e, assim, otimiza a si mesmo”. (HAN, 2019, p.81) A comunicação digital fomenta a constituição de um indivíduo egoísta, narciso, ansioso e intempestivo.

*Cansaço da Informação.* A totalização do imaginário promovido pelas mídias digitais tornou tudo passível de se tornar imagem, de ser consumível e de ser publicado. A quantidade e a variedade de imagens que se tornaram acessíveis causaram uma perda na capacidade de sensibilização. Isso significa dizer que não há mais filtros que permitem a seleção do que seria aceitável de ser disponibilizado ou não. Em outras palavras, o excesso de quantidade, de disponibilidade e de consumo de informação prejudica o funcionamento da capacidade analítica de reflexão e de julgamento, que é, em última instância, a “capacidade de distinguir o essencial do não-essencial”. (HAN, 2019, p.105)

*Crise da representação e a digitalização da política: de cidadãos a consumidores.* A crise da representação e a perda da mediação reverberam, inclusive, no âmbito político. A ideia de representação popular está desgastada. O meio digital se apresenta como uma alternativa para um tipo de democracia direta: as escolhas democráticas estariam condicionadas a um clique ou toque. Contudo, essa seria uma visão otimista: para o autor os eleitores tenderiam mais a se comportar como consumidores que como cidadãos conscientes. Seria muito esperar responsabilidade política da massa pouco reflexiva e histórica do enxame.

*Protocolamento total da vida.* A transparência, marca da comunicação digital, se baseia no acesso e na rastreabilidade das informações disponibilizadas. Por outro lado, a confiança “[...] torna possível relações com outros sem conhecimento preciso sobre eles”. (HAN, 2019, p.121) Nesse tipo de sociedade anônima e sem confiança, a transparência e, por conseguinte, o controle e a vigilância são o que sustentam as relações sociais. Note-se que a vigilância é feita por todos e em relação a todos. Note-se que as informações rastreáveis são disponibilizadas, de bom grado, pelos próprios usuários.

*Panóptico Digital.* Esses registros e as informações pessoais são o que o autor chamou de protocolamento total da vida, da qual surge o panóptico digital. Os usuários, que fornecem dados e informações e que operam para transparência do digital, se conectam uns com outros de maneira tão intensa (“hipercomunicação”), que torna possível o controle total e eficiente da comunidade digital. A sofisticação da vigilância trazida pelo digital consiste na autopercepção que os usuários de tem si: se creem livres porque fornecem gratuitamente e de boa vontade as suas informações.

*Psicopolítica.* Ante todo o exposto, o autor finaliza seu livro com o conceito de psicopolítica. Para tanto, ele faz uma contraposição com o conceito de “biopoder”, de Michel Foucault, para quem o poder, desde o século XVII, se manifesta por meio do controle, da vigilância e de estímulos. (HAN, 2019, p.129) A diferença fundamental para com o biopoder consistiria no fato de que o psicopoder teria atuação ativa e voluntária na manutenção da rede de vigilância e de controle.

Ao longo dos capítulos, o autor estabeleceu conexões com os pensamentos de diversos filósofos. Dentre todas essas referências, as mais importantes se referem ao pensamento de Heidegger, com quem o autor tem um profícuo diálogo, especialmente, no que tange as questões da temporalidade e da descrição da ordem terrena, em comparação com a ordem digital. Além disso, o autor também utiliza o pensamento de Vilém Flusser e de Marshall McLuhan, como contrapontos ao que ambos dizem sobre a comunicação e a sociedade digital. Aliás, temas como a fusão entre o espaço público e o privado; a supressão do tempo e do espaço; a transparência; a responsabilidade; a contraposição entre os meios analógicos e os digitais estão presentes tanto no livro ora avaliado quanto nos demais filósofos da comunicação, como Flusser e McLuhan. Por fim, se deve esclarecer que a perspectiva do autor é bastante pessimista, quando comparada com os demais mencionados.

## RESENHA

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital.*

Inclusive, o autor traça um paralelo com o conceito de biopoder de Foucault, no último capítulo, com o que chama de “psicopoder”, de maneira a caracterizar uma sociedade da vigilância, em que as próprias pessoas, - objetificadas - funcionariam como engrenagens fundamentais nessa rede de vigilância, informação e retroalimentação.

A obra apresenta um diagnóstico social e, até mesmo, um prognóstico acerca de como as mídias e a comunicação digital se infiltram e modificam o modo de vida atual. O autor revela ter bastante sensibilidade em analisar a sociedade contemporânea. Contudo, as ideias e os temas são fragmentados e pouco desenvolvidos, o que os tornam superficiais. Assim, a obra parece ter sido uma coletânea de escritos feitos pelo autor, sem a pretensão de se inserir dentro de um debate mais acadêmico, o que demandaria o aprofundamento de diversos temas. Ademais, frases curtas e de efeito permeiam toda a obra, o que seria um ótimo recurso estilístico, se fossem atreladas à fundamentação teórica necessária a sustentá-las. Há trechos especialmente problemáticos como, por exemplo, no último capítulo em que o autor diz: “A era da biopolítica está, assim, terminada” (HAN, 2019, p.134.), como se uma forma de controle excluísse necessariamente a outra.

A fragmentariedade do pensamento e a superficialidade em muitos temas complexos não excluem o fato de o autor fazer correlações profícuas e apresentar um diagnóstico rico dessa nova forma de vida, instaurada pelo desenvolvimento e pelo acesso às novas tecnologias digitais. O autor consegue suscitar interesse pelo tema e correlacioná-lo com diversos pensadores filosóficos de maneira palatável para o grande público.

Contudo, não é possível deixar de notar que a obra do autor é exemplo de uma cultura que torna tudo objeto de consumo, a que ele mesmo critica. O fato de o livro ter linguagem adequada ao grande público, tratar de assunto atual e interessante e ser, realmente, curto, para a quantidade de conceitos e de ideias que articula é uma faca de dois gumes. Por um lado, há o incentivo de que mais pessoas tenham acesso ao pensamento filosófico. Por outro, esse acesso parecer ser mais um tipo de consumo vazio. Apesar dessas observações finais, eu incentivo a leitura como uma forma de iniciar um estudo, debate ou reflexão sobre o tema, até porque o livro conta apenas com 134 páginas.

A obra pode ser facilmente consumida pelos leitores comuns. É acessível para todas adolescentes, jovens, adultos e idosos, de qualquer área do conhecimento. Também não há a necessidade de ter conhecimento prévio em filosofia: a linguagem e os exemplos tornam o texto bastante acessível - o que é uma coisa boa.

Submetido: 23 de setembro de 2019

Aceito: 20 de outubro de 2019